



A louca, maravilhosa e assustadora poética insurgente de Celso de Alencar

Silas Corrêa Leite

Dizem que Buda morreu de tanto comer carne de porco (...)/
Charles Manson é muito coerente no que diz./ Jesus Cristo
teve um descontrolo emocional na feira (...). Não se vai à luz
pela luz (...)/ Meditar adia o inferno, mas seria melhor acelerá-
lo./ Ao homem Deus deu seu coração e seu intelecto. /
À Lúcifer, Deus deu sua graça e sua fúria! **Diogo Marciano**

Todo Poeta é mesmo meio Poe... (Edgar Allan Poe, autor, poeta, editor e crítico literário estadunidense, integrante do movimento romântico em seu país, mas muito mais conhecido por suas histórias que envolviam o mistério e o macabro). Você vai lendo CELSO DE ALENCAR e vai pondo os ariscos pés em linhas que ultrapassam o jogo de amarelinha do céu e do inferno. E, parafraseando Caetano Veloso, não existem outros como Celso de Alencar...

De posse de seu livro TESTAMENTOS, que tive o prazer de receber pessoalmente dele em um coquetel de lançamento de livros, depois de conhecê-lo e sabê-lo profícuo produtor literário por amigos em comum e pelas lidas das redes sociais e afins, caiu-me a ficha, e logo caí de cara, boca, olhos e mentes no livro, e de presto enfiei-me pelo poeta-textamento furioso e benigno, meio sagrado-profano, mas ainda assim um, ponhamos, poemaço e tanto, tormentas vertentes de sua lucidez e qualidade lítero-poética. Está entre os melhores poetas vivos e na labuta, como Carlos Nejar, Álvaro Alves de Faria, Marcelo Ariel, só para citar alguns que curto, louvo, leio e admiro.

“A alma imortaliza-se quando é atravessada pelo delírio artístico e pelo sublime onde nos desviamos da normalidade através do pensamento intensivo que conquista e constrói tempo puro”, disse Luís Serguilha

Lendo Celso de Alencar você logo se acha perdido, entregue, e também acaba se perdendo de mala e cuia por assim dizer, e fica a murmurar como ele pode escrever isso, criar tanto isso tudo, saltar aos olhos as asas e as vísceras de tudo quanto ele carpinteiro das palavras labuta, no ofício de poeitar talvez o inominável, o indizível, dando cria aos versos que beiram ao pastoreio de palavras como sentenças entre ovelhos negros.

Já elogiado por Márcia Denser “A obra de Celso de Alencar se alinha à de Roberto Piva, Paulo Leminski (...) e Ana Cristina César”; ou, Glaucio Mattoso: “A poesia de Celso de Alencar é autodenominada obscena (...) trabalha com enfoque chocante”; ou, Cláudio Willer: “Ao longo de sua produção poética, Celso de Alencar cresceu no sentido de vigor e precisão”. Celso de Alencar realizou bem seu ofício partindo de um cânone litúrgico de referência (...) conforme assinalou Paul Valéry, de que o ofício do artista é fazer alguma coisa a partir do nada”. Eis a poética de Celso de Alencar.

Segundo Maiakovski, Poesia é revolução. Para William Blake, Poesia é o casamento do céu



Celso de Alencar

com o inferno. Para João Cabral de Mello Neto, Poesia é arquitetura. Para Mallarmé, Poesia é mistério inteligente. Para Paul Celan, Poesia é uma espécie de regresso à casa. Celso de Alencar é um pouco de tudo isso e muito mais, por isso é único no gênero e estilo, diferenciado, portanto, fora do sério, de série....

Celso de Alencar além de poeta primoroso é declamador portentoso, um paraense radicado em São Paulo. Para o poeta e crítico Cláudio Willer, trata-se do mais enfático poeta contemporâneo brasileiro, enquanto o compositor e poeta. Aliás, Jorge Mautner, o considera um poeta da 4ª dimensão, escandalizador e libertador de almas. É reconhecido entre os grandes talentos da geração de 70. A convite apresentou-se na Inglaterra, França e Portugal. Também é tradutor da poesia do nicaraguense Rubén Darío e intérprete da poesia de Mao Tse Tung. É ainda autor, entre outros livros, *antigos livros como Tentações* (1979), *Salve* (1981), *Arco Vermelho* (1983, 1985 e 1992), *Os Reis de Abaeté* (1985), *O Pastor* (1994, infanto-juvenil), *O Primeiro Inferno e Outros Poemas* (1994 e 2001), *Sete* (2002), *A Outra Metade do Coração* (CD- antologia poética), *Testamentos* (2003). Celso de Alencar também participou de várias antologias literárias entre as quais *Poesia Contemporânea Brasileira* (2001, ed. Alma Azul, de Coimbra), *Poesia do Grão-Pará* (2001), *Scène Poétique* (2003, dez poetas brasileiros e dez franceses, edição Cena e Consulado da França em São Paulo), *Quando Freud Não Explica Tente a Poesia* (2007), além de publicações em revistas e periódicos. Palestrante e integrante de diversos júris de concursos de poesia, foi diretor da União Brasileira dos Escritores (gestão 1990/92 e 1992/94). Tudo isso a saber, quando li apenas o TESTAMENTOS de Celso de Alencar, Editora Quaisquer, 2003, que recebi em mãos do próprio autor num evento líterocultural promovido pelas Editoras

LetraSelvagem (SP) e Kotter4 (PR). É preciso ler mais Celso de Alencar.

Gerson Valle nos diz: “Às vezes pode parecer difícil o limite da Poesia com o inefável místico, fantasioso ou sonhador. As religiões permeiam tudo isto em sua essência. Mas a institucionalização que as secularizam materializam-nas a ponto de não lembrarmos mais o sentido de suas origens. A Poesia também pode permeiar objetividades mais próximas de narrativas prosaicas, chegando mesmo a se ater apenas a formalismos que a querem tipificar, quando é o intuito de uma perspectiva metafórica, alegórica, simbólica, em parábola do mundo que a situa significativamente (...). A Poesia contemporânea ao ânimo inefável trazido de suas origens, está na poesia do antigo Egito, no oriente, em Homero; passa por toda a cristandade medieval, tendo seu ápice em Dante, nada parecendo mais próximo ao subjetivismo poético que as sensações, intuições, apreensões místicas do ser humano. Por mais que a racionalidade dos iluministas e o materialismo do século XIX tenham marcado um afastamento científico das abstrações místicas, as indefinições psíquicas do “spleen”, um gosto tentado pela embriaguez, a índole amorosa, a perquirição do nunca acabado conhecimento, ou seja lá que outros percursos existenciais nos colocam frente aos mistérios jamais decifrados, as questões ditas do espírito nunca perdem sua primazia (...) Paul Claudel, de formação atea, em plena Paris dos intelectuais materialistas de 1886, sente-se em “estado de conversão” num concerto da Missa Solene de Beethoven na Catedral Notre Dame de Paris, e, para o resto da vida sua poesia refletirá as “verdades reveladas” dos evangelhos cristãos. E ele mesmo chamará de “mística em estado selvagem” as “Iluminations” de Arthur Rimbaud, que antecede grande parte dos diversos “modernismos” da poesia do século XX. Como nos versos de “Zone” de Guillaume Apollinaire: “C’est le Christ qui monte au ciel mieux que les aviateurs / Il détient le record du monde pour la hauteur” (“É o Cristo que sobe ao céu melhor que os aviadores / Ele detém o recorde do mundo pela altura”). No Brasil, dentro do Modernismo, poetas como Jorge de Lima e Murilo Mendes, tangenciando o surrealismo tocaram plenamente na mística católica (que esteve, aliás, presente na primeira fase de Vinícius de Moraes”).

Resumindo, Celso de Alencar elenca todas essas preciosidades, tanto moderno, crítico, talentoso, de verve, e ainda é só o primeiro livro dele que degustei, imaginem os outros... Pois, por essas e outras, seu livro ilumina e abarca, gostoso de ler, de se saber. Delírios de lírios selvagens.

Bravo.

Silas Corrêa Leite é autor de
TRANSPENUBRA DO ARMAGEDOM,
Desconcertos Editora. poesilas@terra.com.br
Site: www.poetasilascorrealeite.com.br



Editora do LV é entrevistada pela CasArte Marginal

Rosani Abou Adal foi entrevistada pelo poeta Alexandre Morais Paulino na 40ª edição do programa do CasArte Marginal. O programa, vinculado à Web Rádio CasIlêoca, foi gravado em live realizada no dia 13 de abril, no Facebook da CasIlêoca.

A editora do *Linguagem Viva* falou sobre sua vida, família, suas obras, carreira literária e sobre a trajetória do jornal em seus 32 anos de circulação ininterrupta. A edição do programa também contou com declamações e apresentações da entrevistada em saraus e eventos.

A entrevista está no YouTube em <https://www.youtube.com/watch?v=FtwcgZKGCGL>.

Rosani Abou Adal

Escritora, poeta, publicitária, jornalista e editora do *Linguagem Viva*, desde 1989, é vice-presidente do Sindicato dos Escritores no Estado de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão.

Autora dos livros de poemas *Mensagens do Momento* (1986), *De Corpo e Verde* (1992), *Catedral do Silêncio* (1996) e *Manchetes em Versos* (2019); e dos cartões poéticos *Sniff* e *Andorinha*.

Agraciada com o *Prêmio Ribeiro Couto* da União Brasileira de Escritores do Rio de Janeiro, em 1996, pelo livro *Catedral do Silêncio*, e com o *Prêmio Mulheres do Mercado* da Secretaria Municipal



Rosani

de Cultura de São Paulo e Prefeitura do Município de São Paulo, em 2004.

Um dos seis poetas homenageados da 33ª Psiu Cinema, realizado de 4 a 12 de outubro de 2019.

Poeta representante do estado de São Paulo no 13º Festival de Poesia de Dois Córregos de 2020.

Seus poemas foram traduzidos para o inglês, francês, italiano, espanhol, grego e húngaro.

Participou de antologias no Brasil, na França, Itália e em Portugal.

www.poetarosani.com.br - rosani@linguagemviva.com.br

Alexandre Morais Paulino

Poeta paulistano, trabalha como professor no ensino fundamental na rede pública de Osasco, dirige, produz e apresenta o programa CasArte Marginal na Web Rádio CasIlêoca.

Possui Bacharelado em Ciências da Computação pela FASP, Licenciatura em Letras, Português, Inglês e suas Respectivas Literaturas pela Faculdade Eça de Queiroz; Licenciatura em Artes Visuais pela Universidade Metropolitana de Santos; e Especialização (Pós-Graduação Lato Sensu) em Xadrez Pedagógico e Técnico pela Faculdade Ibra de Brasília - FABRAS.

Participa de diversos saraus da região paulistana. Foi selecionado em vários prêmios literários.



Alexandre

Tem trabalhos publicados em mais de 25 antologias literárias de várias editoras e produções independentes. Publicou textos nas revistas literárias Coletivo CataVersos São Paulo/SP, EntreVerbo de Canoas/RS, Cabeça Ativa de Santos/SP, DArte de Londrina/PR, Poesia sem Medo de São Paulo/SP e Revista Acrobata Literatura, Artes Visuais e Outros Desequilíbrios de Teresinha/PE.

CasIlêOca

A CasIlêOca é mantida pela Nilu Strong e pelo Liberto Solano Trindade, filho do poeta Solano Trindade. O Espaço Multicultural CasIlêOca é um centro de atividades culturais que promove leituras, encontros de autores, palestras, saraus, oficinas e debates.

Tem como objetivo promover a arte popular brasileira da contemporaneidade, através da divulgação do trabalho de artistas populares, de forma inclusiva e democrática; de incentivar a arte e a produção artística em suas fontes populares marginalizadas em comunidades carentes e grupos minoritários; e de garantir o acesso à produção cultural para o público e artistas, onde esse acesso é restrito como nas comunidades carentes e grupos minoritários.

CasArte Marginal

O CasArte Marginal é dirigido e apresentado por Alexandre Morais Paulino e as edições do programa são gravadas em lives realizadas na página da rádio no Facebook. Possui quatro blocos, com duração de 15 minutos cada, onde são abordadas a vida do artista e sua obra.

O programa tem como missão registrar, através de um recorte bibliográfico, os artistas que produzem nossa Arte Marginal Contemporânea. O foco principal do programa é a literatura e a música.

A primeira edição do CasArte Marginal foi ao ar no dia 05/11/2019 na Web Rádio CasIlêOca.

O programa vai ao ar na Web Rádio CasIlêoca (casileoca.com) nas terças às 20 horas, com reprises nas sextas às 13 horas e nos domingos às 17 horas.

O programa já apresentou entrevistas com Hugo Paz, Lecy Sousa (poeta mineiro), Marcelo Sá & J.P. Simi, Paula Valéria Andrade, Gilda Nunez, Lilian Sais, Costa Sena (Sarau Bodega do Brasil), Wanesa Sabbath (Casa Amarela Quilombo AfroGuarany), Lilian Rocha (Sarau Sopapo Poético-RS), Carlos Galdino, Cleusa Santo, Nicanor Jacinto (TV ArtMulti Cultural), Rosa Freitas, Luka Magalhães (editor da Archangelus), Mel Inquieta (Rede Sina), Ronaldo Vieira (Agenda Periférica), Alessandra Mansano (Slam de Oz), Mauri de Noronha, Alai Diniz, Cissa Lourenço (Poetas do Tietê), Maranh Mendes (Sarau Poesia é da Hora), Anderson Valfré (Coletivo Transvê Poesia- Ouro Preto/MG), Daniel Alexandrino e Edlene Santos (Sarau do Grajá), Mestre Benê Moraes (Sarau da Comunidade de Campinas), Alessandro Buzo (Sarau Suburbano Convicto), Fernando Xavier (Sarau Virtual de Campinas), Tatau (Bar do Frango, São Paulo), Nilu Strong e Liberto Solano Trindade (CasIlêOca), Germano Gonçalves (Sarau Urbanista Concreto), Viado Lima (Sarau Sopa de Letrinhas), Luciano Braga (Sarau dos Amigos - Osasco), Arnaldo Afonso (Blog Sarau, Luau e o Escambão do Jornal Estadão), Cale Narman (Sarau Encontro de Expressões), Cesar Augusto de Carvalho (Sarau Gente de Palavra - São Paulo), Ivan Ferreti (Sarau do Coletivo Cataversos), Benedito Bergamo (Sarau Achados & Perdidos), Carlos Moura (Sarau do Jornal), Vieira Pato (Sarau da Vergueiro), e os Conversadores Cacá Mender e Edson Tobinaga (Sarau dos Conversadores).

A Entrevista

A 40ª edição do programa CasArte Marginal, com a entrevista de Rosani Abou Adal apresentada por Alexandre Morais Paulino, poderá ser assistida na íntegra em <https://www.youtube.com/watch?v=FtwcgZKGCGL>.

A live está disponível no facebook: <https://web.facebook.com/CasIlêOca/>.

LINGUAGEM VIVA

Periodicidade: mensal - www.linguagemviva.com.br

Editores: Adriano Nogueira (1928 - 2004) e Rosani Abou Adal

Rua Herval, 902 - São Paulo - SP - 03062-000

Tels.: (11) 2693-0392 - 97358-6255

Distribuição: Encarte em *A Tribuna Piracicabana*, distribuído a assinantes, bibliotecas, livrarias, entidades, escritores e faculdades.

Impresso em *A Tribuna Piracicabana* - Tel.: (19) 2105-8555

Rua Madre Cecília, 1770 - Piracicaba - SP - 13400-490

Selos e logo de Xavier - www.xavierdelima1.wix.com/xavi

Artigos e poemas assinados são de responsabilidade dos autores

O conteúdo dos anúncios é de responsabilidade das empresas.



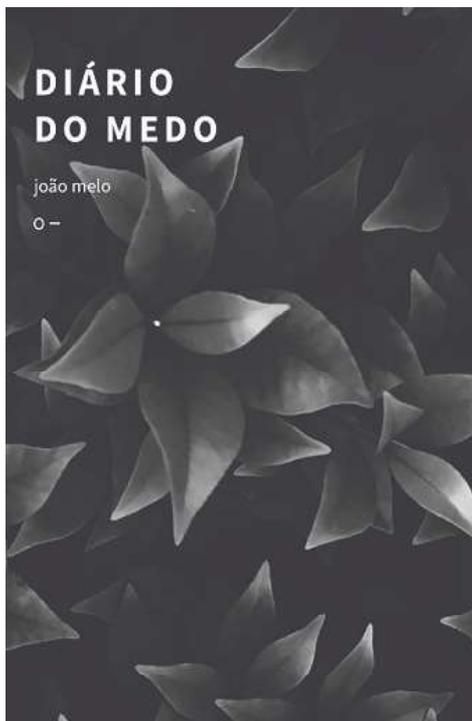
POESIA CONTRA AS TREVAS

Ronaldo Cagiano

Nos dois últimos anos em que pandemia da covid-19 vem impondo um terrível passivo à humanidade, a literatura tem sido um dos esquadros da resistência ética e da inquietação estética diante desse flagelo. Na esteira das obras que abordam esse espectro avassalador que ainda nos desafia com suas variantes e tentáculos contagiosos e letais, *Diário do Medo* (Ed. Urutau, São Paulo/Lisboa, 2021), do escritor, crítico e ensaísta angolano João Melo torna-se leitura obrigatória e referencial como uma poética de densa e intensa reflexão crítica sobre o período.

Quatorze anos após a publicação no Brasil de *Filhos da Pátria* (Ed. Record, 2008), volume de contos em que mapeia a realidade crucial angolana após a independência, *Diário do Medo* (recém-lançado no Brasil e em Portugal) segue a mesma trilha, dando sequência à preocupação do autor com os destinos do homem e da arte nesses tristes tempos. Constituído de poemas produzidos entre março e dezembro de 2020, o conjunto enfeixa uma poderosa crônica do desassossego num universo conflagrado após a eclosão do vírus que instaurou não apenas uma crise sanitária global, mas revelou nossas fragilidade e impotência diante de um inimigo invisível, expondo dilemas e contradições político-institucionais dos agentes responsáveis pelo seu combate.

Ao penetrar o universo esconso da pandemia a escritura de João Melo transpõe o cenário da doença, que delimita uma experiência distópica, e amplifica seu espanto ao imergir noutros dramas que afetam a humanidade. O autor revisita temas, demandas e questões convergentes, tateando o desmoronamento de uma sociedade que há muito vem sendo desumanizada por vários conflitos, como os êxodos pro-



vocados pela fome, pela miséria, pelo terrorismo, pelas perseguições políticas e pelo o fundamentalismo religioso, esse novo e criminoso *apartheid* com suas horrorosas faces criando diásporas e expondo o horror e a humilhação dos refugiados.

Ao percorrer esses territórios, Melo, em clave intertextual, dialoga com outros autores e obras, invocando Hissa Hilal ("Toda a poesia/ aparentemente simples/ e desesperada/ é radical e necessária"), dirige-se particularmente ao Brasil ("Carta-tambor aos meus amigos brasileiros", "Ainda: poema para esquecer Gullar

ou talvez não", "Certas balas" e "Carne negra" - dedicado a Elza Soares) e homenageia ícones universais das lutas sociais, como em "Mural", "Lamento para Guayaquil", "Tirem o joelho do nosso pescoço", "Betty and Curtis" e "Requiem para Maradona", poemas que evocam as tantas vítimas, famosos ou não, da pandemia, da desigualdade, da opressão política e de outras contingências históricas.

Ao concluir seu rol de indagações, o poeta questiona o cotidiano colapsado por litígios, surtos de violência: "Isso aconteceu mesmo? Ou amanhã acordaremos todos/ com a cabeça na mesma almofada/ puída, ensanguentada e acomodada/ da História?" E seu grito de advertência - "O que diremos amanhã sobre o que nos aconteceu?" - é para também relembrar os guantes de aço sobre populações vulneráveis, as botas assassinas e os mísseis de ódio que atingiram George Floyd, Marielle Franco, Bruno Candé, Khadouj Makhzoum, Lorna Breen & tantos outros "incômodos mortos" que caíram vítimas da intolerância, da exclusão e dos preconceitos nesse "Tempo de invisíveis ameaças,/ tempo de susto,/ tempo de medo espalhando-se/ como sangue putrefato/ pelas veias dos homens/ e do mundo."

Diário do Medo consolida a trajetória de um autor militante, cujas obras têm em se levantado contra as dores, tormentas, contenciosos e lutos da humanidade, voz que se destaca no mundo da lusofonia.

(Avaliação: Ótimo)

Ronaldo Cagiano, escritor brasileiro radicado em Portugal, é poeta, ensaísta e crítico. Autor, dentre outros, de *Eles não moram, mais aqui* (Contos - Prêmio Jabuti 2016), *Observatório do caos* (Poesia, 2017) e *Cartografia do abismo* (Poesia, 2020).

Sebo Brandão São Paulo

Compra e venda de livros usados em todo o território nacional. Fazemos encadernações.

Rua Conde do Pinhal, 92 - ao lado do Fórum João Mendes

Tels.: (11) 3214-3325 - 3214-3647 - 3214-3646 - sebobrandao@gmail.com - Face: Sebo Brandão São Paulo <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr>

LINGUAGEM VIVA

Assinatura Anual: R\$ 140,00

Semestral: R\$ 70,00

Depósito em conta 19081-0 - agência 0719-6 - Banco do Brasil. Enviar comprovante e endereço para linguagemviva@linguagemviva.com.br

Tels.: (11) 97358-6255



O maldito no feminino: o caso Colombina.

Maria Lúcia Dal Farra

Neste 2022, a poetisa paulistana Colombina (1882/1963) – a conhecida “Cigarra do Planalto” – completaria, em 26 de maio, 140 anos de idade! Já o ano que vem será, no entanto, marcado pelos 60 anos da sua morte. Mas poucos sabem que a mesma celebrada escritora de trovas é, nada mais nada menos, que a precursora da poesia erótica brasileira!

Mais velha que a portuguesa Florbela Espanca (1894/1930) e que a carioca Gilka Machado (1893/1980), escritoras luminares do sensualismo feminino, a nossa poetisa também entra em diálogo com ambas. Colombina ou Adelayde Schloenbach ou Yde Schloenbach Blumenshein vem de um tempo em que ser mulher podia ser uma ameaça ou mesmo uma maldição! Se ainda hoje enfrentamos essa pecha insistente que, aliás, nos persegue desde bíblicos tempos imemoriais, imagine-se a situação de uma escritora, descendente de tradicional família franco-alemã, nascida na segunda metade do século XIX, e que lança o seu primeiro livro de versos em 1908, dentre os quais surge o pioneiro poema “Veneno”!

Tinha Yde 26 anos então. Era solteira, mas viria a casar-se, em seguida, apaixonada; a ser mãe de um casal de filhos e a desquitarse, alguns anos depois, do marido, do qual conservaria o sobrenome final. A partir de então, ela há de batalhar decisivamente pelos direitos femininos, pois que, como constata na própria pele e declara na sua crônica de 1956 - “O Divórcio. Apelo em favor da mulher” -, o desquite é “imoralíssimo”! Este não refaz a vida daquela que se separou do marido: antes “a atira à sarjeta!”. Na nossa sociedade, é o homem quem tem “carta branca para tudo”, e a condição da mulher desquitada – verdadeiro atestado de “solidão”, “abandono” e “desajustamento” - a transforma numa mera “presa”. Yde insiste em que: ou se anule o casamento ou se institucionalize o divórcio – desquite jamais!

Quantas mulheres clamaram por essa causa – inutilmente! A conquista é recente, data de 1977 no Brasil, e Yde já não pôde beneficiar-se desse estado tão almejado! Falecera em 1963, com 81 anos de idade, mas não sem antes publicar um livro de crônicas (*Manto de Arlequim*, 1956) e doze de poemas: *Vislumbres* (1908), *Versos em Lá Menor* (1930), *Lampião de Gás* (1937), *Sândalo* (1941), *Uma Cigarra Cantou para Você* (1946), *Distância* (1948), *Gratidão* (1954), *Para Você, meu Amor* (1955), *Cantares do Bem-Querer* (1956), *Inverno em Flor* (1959), *Cantigas de Luar* (1960). Sendo que o derradeiro destes, o *Rapsódia Rubra*, saíra – corajosamente! - dois anos antes da sua morte, em 1961! E se saberá por que se trata, deusas, de um ato heroico!

Yde estreara como poetisa aos – pasmem! – 11 anos de idade, quando publicara um poema na *Tribuna de Santos*, sem a autorização do pai. Assinara a composição como “Paula Brasil”, e esse ato clandestino, mas necessário, do uso do pseudônimo, alcançaria mais tarde, diante do teor dos seus escritos, uma clara oscilação nos nomes adotados. Assim, embora passasse a ser “Colombina”, a partir de 1922, a sua identidade mais oficializada, o seu nome real não deixava de disputar, com tal pseudônimo, um lugar no portal dos seus livros.

A bem da verdade, esse espaço periclitante de identidade, que não se decide por um rosto só, é muito indicial da histórica condição feminina, e desnuda o agenciamento repressivo do mundo à volta, sempre de atalaia diante do comportamento da mulher, o que altera a sua reputação e, no caso ainda mais grave, de uma mulher que escreve e se manifesta publicamente. E cuja matéria exposta se exercita sobre uma intimidade que, embora ficcionada, jamais é tomada como tal. O impasse do nome vai perseguir Yde até o final dos tempos, e a atormentará, sobretudo, aquando da publicação desse último volume, a ponto de, no original, ela acabar por assiná-lo, significativamente - e quase num ato de desespero -



YDE SCHLOENBACH

como “Nessuna”! E essa constatação de não-ser, da que é Nada, que é Ninguém, que é Nenhuma – Lacan dirá que é “a não-toda” – definia bem o estado em que se encontrava uma mulher que pretendesse exibir seu direito de gênero. Silveira Bueno dirá, pois, do livro, que ele encerra um “abalosísmico”!

Yde criara, em 1906, a revista paulistana *O Sorriso*. Em 1932, fundara a primeira agremiação paulista de escritores, a célebre Casa do Poeta “Lampião de Gás” e o seu órgão de divulgação, o jornal *O Fanal*, que dirigiu até o final da vida. Colaborara em *O Malho*, na revista *Fon-Fon*, na *Careta*, no *Jornal das Moças*, em *A Cigarra*.

Obtivera o cognome de “A Cigarra do Planalto” mercê de suas extraordinárias e difundidas trovas que, mais tarde, graças aos préstimos de suas sobrinhas-netas Amaryllis Schloenbach e Maria Thereza Cavalheiro, se transformaram em invólucro-leitura, figurinhas autocolantes das famosas “balas do saquinho verde” - as afamadas “Gotas de Pinho Alabarda” dos anos oitenta, que adoçaram e educaram toda uma geração.

Fora elogiada por seus contemporâneos: Júlio Dantas, Menotti del Picchia, Vicentina de Carvalho, Luiz Edmundo, Isabel Vieira de Serpa Paiva, Luiz Otávio, J.G. de Araújo Jorge, Silveira Bueno, Judas Isgorogota, Galeão Coutinho, João

SORRIA, VOCÊ ESTÁ SENDO CARICATURADO!!!



Foto enviada pelo próprio Fagner de sua Fundação.





CARICATURAS ILUSTRAÇÕES.

Xavier
(14) 3733-9568
(14) 99161-0675
(11) 97958-6182

xavierdelima1.wixsite.com/xavi



Guimarães Filho, Cassandra Rios, Walter Waeny, Dulce Salles Cunha Braga, Álvaro Alves de Faria. Fora homenageada por Maria Thereza Cavalheiro, que lhe dedicou um livro em 1987, pelo jornal italiano *Fanfulla*, por Conceição da Costa Neves, Sylvio Romero Filho, pela Sra. Vampré do Nascimento, por Correia Júnior, Suzana de Campos, Cantídio Moreira Sampaio, por Lima Neto, Múcio Leal, Artur Mota, Veiga Miranda, Aristeu Bulhões e muitos outros. Pertencera aos círculos de intelectuais da casa de Vicente de Carvalho, que incluía José Martins Fontes e o Luciano Gualberto, depois reitor da USP. Ainda muito jovem, completara seus estudos na Alemanha, tornara-se poliglota, e estudara piano com o Maestro Gomes Júnior. Fora parceira de Francisco Mignone nas suas "Seis Líricas", de 1932, uma das partituras obrigatórias para o canto lírico dos conservatórios de então.

Com 79 anos, portanto, Yde dá à luz ao *Rapsódia Rubra* que, tudo indica, é a obra que viera escrevendo em segredo pela vida afora, e que lhe fora interdita e desaconselhada, pelos mais próximos, a editar. E, isso, porque clamava, com todas as letras, pela independência de expressão do feminino, a mais genuína. Porque há, ali, uma amante em cio, que ostenta abertamente tal direito diante do mundo! Se desde o princípio, seus versos nunca foram imunes a tal traço, no livro final, como pondera J.G. de Araújo Jorge, o erotismo explode "forte como um trago de vodka, que queima a alma e agita os sentidos. Certamente, o livro mais sensual da poesia brasileira!"

Como se nota, desde o seu título, a obra já apontava para um depuramento há séculos idealizado pelas ciências herméticas - o de alcance da "obra ao rubro", para o encontro da pedra filosofal, da "rosa". Essa tonalidade denomina, pois, o estágio final da operação magna: é o seu coroamento, o intento obtido a duras penas, trabalhado e experienciado durante longo tempo, até que pudesse ser efetuado. Consiste, pois, no regresso vitorioso à Terra regenera-

da, ou seja, ao Corpo conscientizado de seus poderes - e, no caso de Yde, ao pacto finalmente acertado entre a carne e a letra. Ou, na nomenclatura junguiana, à "individuação", a culminância da luta do "eu" para a sua manifestação total. E é, no mínimo, patético, que tal identidade tivesse sido coagida a se assumir, pelo menos de início, como uma não-pessoa, como uma "Nessuna"! E que o livro tivesse encontrado acolhimento longe da sua terra natal, em Salvador da Bahia, o lugar onde foi publicado e esgotado numa única edição. Para comemorar tal feito, transcrevo um dos seus poemas:

Bacante

Ergue nas mãos a taça transbordante do vinho capitoso; em desalinho, desata a cabeleira luxuriante sobre o seu corpo nu, de rosa e arminho.

Um perfume oriental, sensualizante, vai se impregnando no ar, devagarinho... E, lasciva e pagã, dança a bacante embriagada de música e de vinho!

Torcendo os rins em lânguidos meneios, derrama sobre os pequeninos seios a sua taça de cristal da boêmia.

E há na volúpia estranha dos seus passos e nas serpentes brancas dos seus braços, a eterna sedução da eterna fêmea!

Maria Lúcia Dal Farra é titular da Universidade de Sergipe, tendo lecionado na Usp, na Unicamp e em Berkeley. Tem livros sobre Florbela Espanca, Vergílio Ferreira e Herberto Helder. É Prêmio Jabuti de Poesia por seu *Alumbramentos*, e possui outros volumes de poesia: *Livro de Auras*, *Livro de Possuídos e Terceto para o Fim dos Tempos*; além da ficção *A Inquilina do Intervalo*. Tem, no prelo, um estudo sobre Colombina - O Feminino Interdito - e sobre O Caleidoscópio Florbela.

Despertar de um anjo

Rosani Abou Adal

Para minha mãe Maria Rosa Massabki Abou Adal (in memoriam)

No piar do Bem-te-vi,
minha mãe renasceu como um anjo.
No tocar suave do bico
do Beija-flor,
minha mãe renasceu em flor.
A manhã nasceu lilás.
O cheiro da Angélica
acalentando meu coração
da saudade eterna.
Seu cheiro despertando minh'alma
para o mundo das purezas.
Renasci plena com o cantar
do anjo Maria Rosa.

Rosani Abou Adal é escritora, poeta, jornalista, vice-presidente do Sindicato dos Escritores de São Paulo e membro da Academia de Letras de Campos do Jordão. Seus poemas foram traduzidos para o inglês, espanhol, francês, italiano, grego e húngaro. www.poetarosani.com.br

FAVOS DE MEL

Débora Novaes de Castro

Sonhos louros, estouvados sonhos,
sonhos em Alpha, sonhos em Beta,
aprumando as asas, mirando estrelas,
luares e véus.

Sonhos partidos, sonhos quebrados,
sonho aos pedaços, idos, juntados
na ostra astral, pérola do sono,
círio e broquel.

Sonhos de antanho, tidos, truncados,
batéis aos mares, risos e pranto;
névoa bendita, lenço e partida,
flor de papel.

Sonhos fugazes, concha dos mares,
sóis e areias, sonhando arrebóis
rendas de espumas, versos na areia,
favos de mel!

Débora Novaes de Castro é escritora, poeta, artista plástica e Mestre em Comunicação e Semiótica - Intersemiose na Literatura e nas Artes, Puc-SP. www.deboranovaesdecastro.com.br



Conversa de Mãe

Flora Figueiredo

Traga seus olhos para conversar com os meus.
Gosto quando eles me falam de você.
Se preferir ficar calado,
apenas sente-se ao meu lado.
Mães sabem interpretar silêncios.
Aprendi a ler o seu olhar
desde o tempo dos joelhos esfolados,
do barquinho de papel,
do medo da barba do Papai Noel,
do gato que não morreu reu reu,
do sapato esgarçado que o tempo escondeu.
Quando seus olhos cintilam, eu festejo a vida.
Em contrapartida,
se uma sombra turvar sua emoção,
então eu me reparto
e lhe ofereço as fibras do meu coração.

Flora Figueiredo é escritora, cronista, poeta, jornalista, tradutora e compositora. Autora de *Chão de Vento e Florescência*. Exerceu o cargo de vice-presidente da Associação das Jornalistas e Escritoras do Brasil.

TECIDO DE RENDA

Isabel Furini

O fio do destino borda a vida
com Renda Alençon
- fios finos e delicados
e fios mais encorpados
estão entrelaçados
com os fios da paixão
criando desenhos variados
os fios da vida organizam
histórias de amor
cada ser humano é um desenho
na memória do universo.

Isabel Furini é escritora, poeta e educadora. Autora de 35 livros, entre eles, *Os Corvos de Van Gogh* (poemas). Criadora do Projeto Poetizar o Mundo. Foi nomeada Embaixadora da Palavra pela Fundação César Egido Serrano (Espanha, 2017).

Manchetes em Versos

poemetos de Rosani Abou Adal



Sebo Brandão: <https://www.estantevirtual.com.br/brandaojr/rosani-abou-adal-manchetes-em-versos-1920679020>

PANAMBI

Raquel Naveira

O casulo guarda um ter no segredo: o da vida que se transforma. Um dia, sob o sol de primavera, ele explode no êxtase de uma borboleta. São graciosas e ligeiras as borboletas. Um prodígio as suas asas, misto de flor e fimbrias. Os seus corpos, misto de lava e líquidos.

Na fazenda, quando íamos tomar banho no córrego, nos monturos de lama pisoteados pelos cascos dos cavalos, pousavam enxames de borboletas: o panapaná. Panapaná é o coletivo de borboleta. Uma nuvem interminável delas, geralmente amarelas, flamejantes. Sorvem os sais da lama do brejo, num desassossego próprio de seres que não se cansam. Formam uma onda, um caudal de pétalas, de espíritos viajantes. Esvoaçam como almas saídas de estranhas moradas.

Em Campo Grande, minha cidade ao sul de Mato Grosso, no Museu do Índio, há uma das maiores coleções de borboletas do mundo. Todas classificadas por seus nomes científicos, embalsamadas, asfixiadas nos armários, espetadas por invisíveis alfinetes. Das mais variadas cores, tamanhos e formatos: alaranjadas, púrpuras, azuis, grandes e pequenas, estateladas nos túmulos de vidro. Quando criança, eu ficava fascinada e desejava pegá-las entre os dedos e soprar-lhes um novo ar, um novo frêmito de vida. Imaginava vê-las voando pelas salas sombrias do museu até alcançarem o céu da liberdade.

Quando ia para o sítio de meus tios Anita e Pila, que ficava em Bela Vista, fronteira do Paraguai, ouvia as pessoas se comunicarem em guarani, essa língua nativa pré-colombiana, que se fala no centro da América do Sul. Ramona, paraguaia de longos cabelos pretos, presos na nuca, explicou-me:

- Panambi significa 'borboleta'. Panambi moroty: borboleta branca; panambi ura: borboleta da noite; panambi verá: borboleta brilhante. Pegava um disquinho compacto e colocava na vitrola. Era a guarânia "Panambi Verá":

Panambi che raperãme
reserva rejeroky
nde pepo Kuarahy
ã me tamora e afeñoty.

Ramona vibrava, o corpo embalado pelos som das harpas.

- Tudo é harmônico nessa música. É uma canção perfeita, belíssima, entende?

- E o que querdizer a letra? Ela traduzia:

- Que a borboleta brilhante, de asas douradas, doce e terna, convida a alma ao sossego. Que o seu nome é como mel silvestre na garganta. Que a mariposa passa pelo nosso caminho, bailando e, ao persegui-la, entramos num bosque cheio de espinhos. A alma se alegra em segui-la, mas as mãos sangram.

Eu então fechava os olhos e repetia entre lágrimas: - Panambi moroty, panambi ura, panambi verá. Bor-bo-le-ta. Uma palavra que parece ter asas. Como diria Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um colecionador de palavras, "definir uma palavra é capturar uma borboleta no ar."

Eu então fechava os olhos e repetia entre lágrimas: - Panambi moroty, panambi ura, panambi verá.

Bor-bo-le-ta. Uma palavra que parece ter asas. Como diria Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, um colecionador de palavras, "definir uma palavra é capturar uma borboleta no ar."

Raquel Naveira é escritora, cronista, poeta e Mestre em Comunicação e Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie, de São Paulo. Pertence à Academia Sul-Mato-Grossense de Letras e ao PEN Clube do Brasil.



Profa. Sonia Adal da Costa

Revisão - Aulas Particulares

Cel.: (11) 97382-6294 - soninhaabou@gmail.com



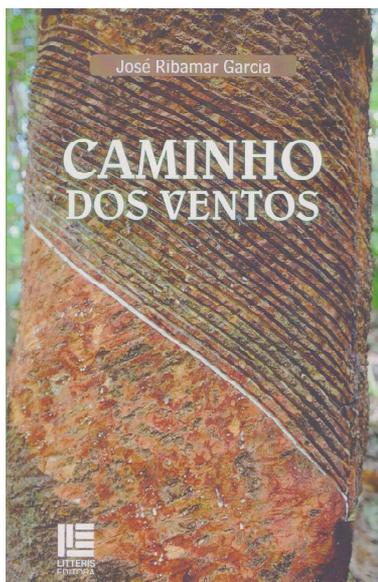
Livros

Caminho dos Ventos, romance de José Ribamar Garcia, Litteris Editora, 232 páginas, Rio de Janeiro. ISBN:978-65-5573. A imagem da capa é de Pixabay.

O autor é escritor, romancista, cronista, contista, membro da Academia Piauiense de Letras, do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro, do Instituto dos Advogados Brasileiros e da União Brasileira de Escritores - UBE-PI. Foi agraciado com o título de Cidadão Carioca pelos serviços prestados à Cultura.

A obra é uma história pontuada pela realidade cruel do dia a dia que transita entre a solidariedade, a fraternidade e o amor. Retrata a vida com seus altos e baixos, num momento em que o Brasil perdeu o trem da prosperidade por não haver dominado a tecnologia. Uma perda causada pela inércia dos seus governantes, sustentada por uma elite dominante, egoísta e tacanha, cujas consequências o povo padece até os dias atuais.

Litteris Editora: www.livrarialitteris.com.br



Palavras do Cotidiano, antologia de poesias, contos e crônicas, volume 2, Scortecci Editora, São Paulo, 184 páginas. ISBN: 978-65-5529.

A obra foi enviada por Márcia Villaça da Rosa que participa com os trabalhos *O Bruxo do Cosme Velho* e *Memorial Drummond*.

Participam da antologia os autores Abner Alcantara, Alvaro Fernando, Amoreflor, Antonio de Sousa, Aristides Dornas Júnior, Augusta Santo, Carla Ferreira, Célia Marinangelo, Cida Almeida, D'Araújo, Danielle Jordam, Dulce Krock Elizabeth Cury Bechir Watanabe, Fabiano Donato Leite, Fernanda Cláudia Araújo da Silva, Flora Sibipiruna, Graça Roriz Fonteles, Heloísa Corrêa, Henrique Santi, Irineu Padiglione, Ivad Amil, Ivanny Fernandes de Freitas Hehl Prestes, José Seráfico, JovinaGBenigno, Leucommel, Lia Molina, Linaldo Costa, Lúcia Vasconcelos, Luiz Otávio Dobal, Marcelo Conti, Marcia Villaça da Rosa, Marco Mendes di Siervuli, Marcos Bezerra Bezerroff, Maria Angela Farias Soffiatti, Maria Elizabeth Gomes Campos, Maria Nilza da Conceição Lima, Mário Khamud Alli, Marizzia Cezare, Mira Moraes, Moisés da Silva Cares, Neuza Maria Cechetti, NJ Brasileiro, Osvaldo Júnior, Patrícia Ubert, Regiluz Vieira, Regina Pinheiro, Rossidê Rodrigues Machado, Samuel de Mattos, Sílvia Prevideli, Sonia Pinheiro da Silva, Valéria Dell'Isola, Virginia Nolasco, Zenilda Ribeiro.

Livraria Asabeça: www.livrariaasabeça.com.br

Concursos

O Prêmio Literário Luiz Carlos Abritta de Prosa e Poesia, promovido pela Academia Municipalista de Letras de Minas Gerais, está com inscrições abertas até o dia 30 de junho de 2022.

Os interessados poderão inscrever um trabalho inédito, em língua portuguesa, com tema livre, em cada categoria, digitados em Times New Roman, tamanho 12, espaço 1,5 e em três vias.

Os contos deverão ser de, no máximo, três laudas. Os poemas deverão ser de, no máximo, 30 linhas. Os sonetos serão julgados à parte. É obrigatório o uso de pseudônimo.

Os trabalhos deverão ser enviados para IDEA – Casa de Cultura, Rua Bernardo Guimarães, 1200 – Funcionários – Belo Horizonte - MG - 30140-081. Também poderão ser enviados para o e-mail amulmig@gmail.com, em dois anexos, sendo um com a participação sob pseudônimo e o outro com os dados do autor.

Premiação: Medalhas e diplomas aos nove primeiros lugares de cada categoria, sendo três Vencedores, três Menções Honrosas e três Menções Especiais. Os textos classificados serão publicados em antologia virtual no site do Jornal da Academia.

Os prêmios serão entregues em Sessão Solene, no dia 4 de outubro de 2022, às 15 horas, na Rua Agripa de Vasconcelos, 81 – Mangabeiras, Belo Horizonte (MG).

Informações, com Angela Togeiro: amulmig@gmail.com.

O 7º Prêmio Cepe Nacional de Literatura e o 4º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Infantojuvenil, promovidos pela Cepe Editora, está com inscrições abertas até o dia 9 de junho de 2022.

Os interessados poderão inscrever um original inédito, por edital, com tema livre, escrito em português, com no máximo cento e vinte mil caracteres, contando os espaços.

Premiação: R\$ 20 mil para cada categoria e a publicação do livro.

O 7º Prêmio Cepe Nacional de Literatura contemplará as categorias de Romance, Poesia e Conto. O 4º Prêmio Cepe Nacional de Literatura Infantil e Infantojuvenil premiará as categorias infantil (obras voltadas para leitores iniciantes e em processo a partir dos 6 e 8 anos, respectivamente) e infantojuvenil (obras voltadas para leitores fluentes e críticos a partir de 10 e 12 anos, respectivamente).

A avaliação das obras inscritas levará em conta critérios como originalidade, qualidade técnica, valorização da cultura brasileira, domínio da linguagem e estímulo à leitura.

Formulário de inscrição e editais: www.cepe.com.br/premio-cepe.
Informações: duvidaspremio@cepe.com.br.

Débora Novaes de Castro

Poemas: GOTAS DE SOL - SONHO AZUL - MOMENTOS - CATAVENTO - SINFONIA DO INFINITO - COLETÂNEA PRIMAVERA - AMARELINHA - MARES AFORA...

Haicais: SOPRAR DAS AREIAS - ALJÔFARES - SEMENTES - CHÃO DE PITANGAS - 100 HAICAIS BRASILEIROS

Trovas: DAS ÁGUAS DO MEU TELHADO

Poemas Devocionais: UM VASO NOVO...

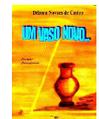
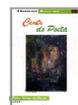
Antologias:

Poemas: II Antologia - 2008 - CANTO DO POETA

Trovas: II Antologia - 2008 - ESPIRAL DE TROVAS

Haicais: II Antologia - 2008 - HAICAIS AO SOL

Opções de compra: 1. www.deboranovaesdecastro.com.br, LIVROS.
2. E-mail: debora_nc@uol.com.br 3. Correio: Rua Ática, 119 - ap. 122 - Jd. Brasil - São Paulo - SP - Cep 04634-040.





A 26ª Bienal Internacional do Livro de São Paulo, promovida pela Câmara Brasileira do Livro, será realizada de 2 a 10 de julho, das 10 às 22 horas, no Expo Center Norte, Rua José Bernardo Pinto, 333, na Vila Guilherme, em São Paulo. Portugal será o país convidado. A Associação Nacional de Livrarias terá um estande de 300 m² para as livrarias associadas.

Salgado Maranhão lançou *A Cor da Palavra*, antologia poética, Edições Húmus, em Lisboa, Portugal, com apresentação de Ronaldo Cagiano.

O 5º Prêmio AEILIJ de Literatura, promovido pela Associação dos Escritores e Ilustradores de Literatura Infantil e Juvenil, agradeceu a obras *Carona* de Guilherme Karsten, *Ainda assim te quero bem* de Caio Riter, *Penélope Martins e Talita Nozomi*; *A África que você fala* de Cláudio Fragata e *Maurício Negro*; e *A bela e a fera: um conto* de Sandra Trabucco Valenzuela e *Gabriel Pacheco*.

Luiz Vadico, escritor, historiador e Doutor em Multimeios pela Unicamp, lançou *O moineiro que derrotou Dom Quixote*, pela editora Literare Books International. A obra abriga textos curtos, textos longos, crônicas, micro-contos, poesias e fábulas.

A FTD Educação fez parceria com a agência literária internacional Accord Literary para trazer autores de Gana, Nigéria, Quênia, Togo e Zimbábue para o mercado brasileiro. O primeiro livro que será lançado é *Quando minha voz falhar* da escritora ganesa Ruby Yayra Goka.

Pedro Eiras, escritor e professor de Literatura Portuguesa na Universidade do Porto, com a obra *Inferno*, publicada pela Assírio & Alvim, poesias, foi a única obra da categoria finalista do Prêmio Camões em 2021.

Mary Del Priore, historiadora e escritora, lançou *Tarsila, uma visão doce-amarga* que abriga a biografia de Tarsila do Amaral (1886-1973). O audiobook, pela voz da atriz Helga Baêta, explica a obra completa de Tarsila.

Manuela d'Ávila, jornalista e ex-deputada federal, organizou o livro *Sempre foi sobre nós*, pela Editora Record, selo Rosa dos Ventos, que apresenta relatos sobre violência política de gênero de Maria do Rosário, Dilma Rousseff, Benedita da Silva, Sonia Guajajara, Tabata Amaral, Isa Penna, entre outras importantes mulheres da política nacional.

Box Todos, de Clarice Lispector, Editora Rocco, três volumes em capa dura, 2.240 páginas, abriga as obras *Todos os Contos*, *Todas as Crônicas* e *Todas as Cartas*. A coletânea *Todos os contos* foi organizada por Benjamin Moser. *Todos os contos* foi lançado nos EUA em 2015. *Todas as crônicas* reúne trabalhos inéditos e *Todas as cartas* abriga as correspondências escritas por Clarice Lispector - algumas inéditas.

A Fundação Biblioteca Nacional está disponibilizando, para consulta e em pdf, a obra *Guerra literária: panfletos da independência (1820-1823)* que foi publicada - em quatro volumes, pela Editora da UFMG, com mais de 3 mil páginas - e organizada pelos pesquisadores José Murilo, Marcello Basile e Lúcia Bastos. Volume 1, *Cartas*, http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1509634/drg1509634.pdf; Volume 2, *Análises*, http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1509635/drg1509635.pdf; Volume 3, *Sermões, Diálogos e Manifestos*, http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1509636/drg1509636.pdf; Volume 4, *Poesias, relatos, Cisplatina*, http://objdigital.bn.br/objdigital2/acervo_digital/div_obrasgerais/drg1509637/drg1509637.pdf.

Camila Fernandes lançou *Figuras da Causação: As novinhas, as mães nervosas & mães que abandonam os filhos*, pela Editora Telha.

A Editora Planeta Brasil lançou *Os cem anos de Lenni e Margot*, romance de estreia de Marianne Cronin, com tradução de Flávia Souto Maior. A obra está em processo de adaptação para um longa-metragem pela Columbia Pictures, com distribuição da Sony.

A Editora Maralto foi agraciada com 4 selos do Prêmio Cátedra 10, com as obras *Uns e outros: histórias de duplas*, de João Anzanello Carrascoza e Nelson Cruz, e *Ninanão*, de Daniela Galanti, foram laureadas com o selo *Distinção*. *Desaforismos* de Raquel Matsushita, e *Origem*, de Anna Cunha, foram agraciadas com o selo *Seleção*.

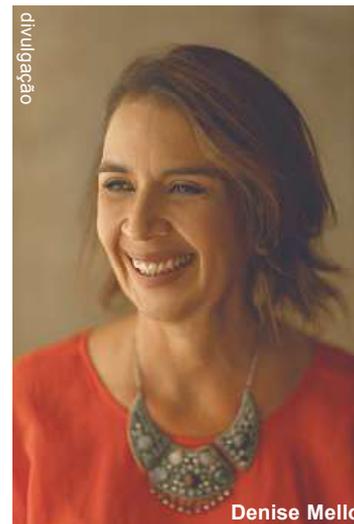
O Grupo Editorial Alta Books comprou a Editora Alaúde e a Tordasilhas Livros, seus selos e suas marcas.

Luís Cardoso lançou o romance *O plantador de abóboras*, Editora Todavía, obra agraciada com o Prêmio Oceanos 2021. O livro tem como cenário Timor Leste a partir de episódios históricos, lendas e tragédias políticas.

A Mentira, de Nelson Rodrigues, lançado pela Editora Harper Collins, é o primeiro romance-folhetim que o autor assinou com o próprio nome. O dramaturgo usava o pseudônimo Suzana Flag.

As Obras de George Orwell *A revolução dos bichos* e *Um pouco de ar* foram lançadas em edição especial, no formato 2 em 1 (vira-vira), pela Editora Literare Books International, com tradução direta dos originais assinada por Laura Folgueira e Marcia Men. A capa é de Victor Prado. George Orwell (Eric Arthur Blair) foi jornalista, escritor e ensaísta político.

Lucinda Persona, escritora, poeta e colaboradora do LV, está lançando o livro de crônicas *Miragens*, Entrelinhas Editora, no dia 18 de maio, às 19 horas, nos Jardins do SESC Arsenal, em Cuiabá (MT). A capa e o miolo são de Emerson Persona.



Denise Mello

Denise Mello, compositora, cantora, violinista e pós-graduada em Canção Popular pela FASM, lançou *A MULHER na CANÇÃO: a composição feminina na Era do Rádio*, com ilustrações de Luisa Mello, Machine Editora, com incentivo do PROAC. A obra resgata a trajetória das compositoras brasileiras, que tiveram maior atuação na Era do Rádio, Carolina Cardoso de Menezes, Lina Pesce, Laura Suarez, Marília Batista, Dilú Mello, Aylce Chaves, Linda Rodrigues, Carmen Costa Stellinha Egg, Bidú Reis, Dora Lopes, Almira Castilho, Zica Bergami, Dolores Duran, Mayssa, Chiquinha Gonzaga, Maria Firmina dos Reis e Tia Ciata. O livro também apresenta a transcrição de cerca de 240 trechos de letras e links para ouvir as canções. <https://poemesenmachine.com.br/lojaeditora>

Luciana Costa lançou *Um Amor de Gênio*, pela Editora Estrada de Papel, que homenageia a série de TV "Jeannie é um Gênio".

Roberto Scarano

Advogado



OAB - SP 47239

Trabalhista - Cível - Família

R. Major Basílio, 441 - Cjs. 10 e 11 - Mooca - São Paulo
Tel.: (11) 2601-2200 - scaranor@terra.com.br

